



TRADUÇÃO  
Ângelo Lessa



Copyright © 2015 by Andy Jones

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Two of Us

*Preparação*

Elisa Menezes

*Revisão*

Viviane Mendes

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Jones, Andy

Nós dois / Andy Jones ; tradução Ângelo Lessa. –  
1ª ed. – Rio de Janeiro: Suma de letras, 2016.

Título original: The Two of Us.

ISBN 978-85-5651-022-8

1. Ficção inglesa I. Título.

16-06257

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.objetiva.com.br

## Prólogo

As pessoas perguntam: “Há quanto tempo vocês estão juntos? Como se conheceram?”.

Você está sentado a uma mesa, fervilhando com a provocadora ostentação de um novo amor (É isso mesmo? Já é amor?), rindo alto demais e beijando com mais entusiasmo do que se espera em um bar sossegado do interior, então alguém solta um “Larga ela!”, “Arrumem um quarto!”, “Vocês dois formam um lindo casal”, ou alguma variação desse mesmo tema.

Você está mordiscando a orelha da sua namorada às escondidas quando alguém diz: “Se está com tanta fome, fique sabendo que eles servem batatas fritas aqui no bar”. Você se vira e se desculpa com a gorda de meia-idade na mesa ao lado. Ela solta uma risada amigável e vira a cadeira de lado, daí agora está sentada à sua mesa. E lá vem...

“E então?”, pergunta. “Como foi que os pombinhos se conheceram?”

Na última semana, acho que ouvimos perguntas sobre detalhes do nosso relacionamento em meia dúzia de ocasiões. Em outras noites e tardes, contamos versões cada vez mais distantes da verdade: “Trabalhamos juntos”, “Encontro às cegas”, “Eu sou a cabeleireira dele”, “Clube do livro”. Mas, agora, encorajada pelo vinho e cansada da rotina, Ivy se inclina para a frente e, em tom conspiratório, responde: “É horrível. Eu sou a melhor amiga da mulher dele. Mas...”, ela põe a mão em cima da minha, “a senhora é uma pessoa vivida, então entende como funciona. Sabe quando você *precisa* ter determinada coisa?”

A mulher — corada e emanando um cheiro acolhedor de queijo e cebola — faz que sim e diz: “Ah, bem, sei... Enfim, tenham uma boa... hmmm... noite”, daí vira a cadeira de volta para a própria mesa.

Porque a verdade é que a história é longa demais para ser contada a uma estranha num bar interiorano, quando tudo o que você quer é terminar de beber e subir para o quarto. E, de qualquer modo, essa pergunta, *como* nos conhecemos,

é muito acadêmica — você não pergunta como a chuva começou, simplesmente aprecia o arco-íris.

Há quem fale de química, e vai ver foi isso — alguma coisa no nível molecular, alguma coisa transmissível, alguma coisa ligada à genética. Seja lá qual for o mecanismo, logo de cara alguma coisa em Ivy me fez *não* querer dormir com ela. Existe elogio maior que um cafajeste possa prestar a uma dama? Não que importe, mas na época eu passava por uma fase em que não queria nenhum tipo de compromisso, além daqueles com a higiene pessoal e o bom senso. Eu havia terminado um namoro fazia seis meses, era jovem, era livre, era... bom, digamos apenas que vinha compartilhando meus afetos com muitas pessoas. Foi então que Ivy apareceu, com sua beleza natural e graciosa, deixando no ar um rastro de feromônios, indiferença e humor.

Não que isso faça diferença. O importante é que nos conhecemos. E o que importa ainda mais é o que acontece em seguida.

É a última semana de agosto, e minha pele queimada de sol está ardendo no momento em que Ivy entra de carro na rua onde cresci e se aproxima da casa em que morei desde o meu nascimento.

Quando o rádio está ligado, Ivy canta; quando está desligado, assobia, e assobia mal. Eu quase consigo reconhecer a música, mas não chego a descobrir. O lado esquerdo de seu rosto tem cicatrizes causadas por um acidente de infância — agora as linhas estão esbranquiçadas, mas os sulcos e as imperfeições são evidentes —, e, quando Ivy assobia, elas se contraem e se aprofundam. Não sei se isso atrapalha o assobio, mas, a julgar pela cantoria, ela simplesmente tem um péssimo ouvido para música e não tem a menor ideia disso. Faz menos de três semanas que estamos juntos, então ainda é meio cedo para fazer uma lista das “coisas de que mais gosto na minha nova namorada”, mas, caso estivesse propenso a isso, o assobio desafinado e negligente de Ivy ficaria lá em cima, entre as primeiras. E, aproveitando que estamos falando de listas, também é um pouco cedo para o item *conhecer a família*. Mas cá estamos nós, a um minuto da decolagem.

— Prepare-se — digo eu.

Ivy se vira para mim.

— Hmm?

— Minha família. Eles são meio... você sabe.

— Não se preocupe. Já passei por isso antes. Um monte de vezes, centenas de vezes. — Daí ela sorri para si mesma.

— Engraçadinha. Enfim, não é com você que estou preocupado.

Dobramos a esquina, e lá está a casa do meu pai.

Eu nunca prestei atenção na aparência da casa onde passei a infância. Ela está lá, no mesmo lugar, desde que nasci, e eu não a examino mais do que analiso os meus pés — provavelmente até menos. Mas hoje, com Ivy ao meu lado, tomo consciência de sua mediocridade, de sua banalidade, de tudo o que ela

não é. Os prédios vitorianos (como aquele em que moro em Londres) melhoraram com a idade, ganham personalidade e integridade; mas casas como esta, construídas nas décadas de 1960 e 1970, envelhecem como operários que ficam feios com o passar do tempo, com o excesso de esforço, com a fumaça inalada e a desilusão. Talvez não seja a pele queimada de sol que esteja ardendo; talvez seja o esnobe que vive dentro de mim. Eu olho para Ivy, e ela me encara de volta e ergue as sobrelanceias enquanto estaciona em frente ao número 9 da rua Rose Park.

E pode esquecer a casa, espere só até ela conhecer a família.

Eles já deviam estar à nossa espera, porque, antes que Ivy pudesse desligar o motor, meu pai, minha irmã, meu cunhado e minhas sobrinhas gêmeas brotam da porta da frente. Eu aceno, abro um sorriso, articulo um “Oi” para eles através do para-brisa, mas ninguém está olhando na minha direção. Eles se alinham no meio da rua, com os rostos irradiando empolgação, enquanto meu pai abre a porta de Ivy como se ela fosse uma autoridade. As gêmeas, Imogen e Rosalind, têm apenas dez anos, então dá para perdoar as duas impacientes e se acotovelando para conseguir uma visão melhor da minha namorada (é muito boa a sensação de dizer “namorada”), mas minha irmã e meu pai somam, juntos, quase cem anos e estão se comportando como uma dupla de imbecis. E é então que me dou conta de que música Ivy estava assobiando, uma música romântica, “It Must Be Love”. Ela sai do carro e cai direto no abraço exagerado do meu pai. Quando ele a levanta do chão, eu faço uma cara de quem pede desculpa, e ela retribui piscando, ou fazendo uma expressão de dor (como seu rosto está esmagado no pescoço do meu velho, fica difícil diferenciar).

Enquanto saio do carro sem ninguém notar, me ocorre que talvez eu tenha errado a música que Ivy estava assobiando. Quanto mais penso, mais me convenço de que era uma música sobre um dia de festa, talvez “House of Fun”, ou até uma música sobre constrangimento, “Embarrassment”. Seja qual for, sem dúvida é uma música do Madness.

Quando o comitê de boas-vindas sai da rua e entra em casa, eu já tirei as bolsas do porta-malas, as levei para cima, fui ao banheiro, fervei água e preparei um bule de chá.

— Tem chá no bule — comento, quando todos invadem a cozinha.

— Tem vinho aqui? — pergunta Maria.

— Eu imagino que *champanhe* sirva — responde meu pai, abrindo a geladeira com um floreio de doer.

— Uau — solta Ivy.

— Bom, é uma ocasião especial, certo? — continua ele. — Pegue as taças, filho — diz ele, então conduz Ivy para a sala.

Maria permanece na cozinha para me ajudar a lavar a poeira de cinco taças de champanhe.

— Ela parece legal — comenta, sorrindo.

— E é. Hermione não veio? — pergunto, tentando impedir o inevitável (“O que foi que ela viu em você?”) sarcasmo da minha irmã mais velha.

Maria não tinha nem dezesseis anos quando deu à luz minha sobrinha mais velha. Mamãe havia morrido fazia menos de um ano, e a pequena Herms desempenhou um papel importante em nossa cura coletiva. Durante os seis primeiros anos (até Maria conhecer Hector e se casar com ele), eu acho que era mais um pai do que um tio para Hermione. E mais de uma década depois continuo pensando nela mais como uma filha do que como uma sobrinha.

— Ela vai sair com um rapaz — responde Maria.

— Não brinca! E como ele é?

Maria dá de ombros.

— Melhor do que o último idiota.

— Isso não é lá tão difícil. Eu estava torcendo para ela vir.

— Não dá para você competir com um novo amor.

— Certas pessoas discordariam. Vamos lá, vamos salvar Ivy do papai.

Quando chegamos à sala, ele já tinha pegado os álbuns de família. Esta é a primeira vez que levo uma garota (que dirá uma mulher) para casa, e imagino que todos vêm esperando há muito tempo para fazer o que é de costume nessas situações. Então, eu dou um gole no meu champanhe e aceito minha humilhação de cabeça erguida, enquanto eles riem do meu cabelo, das minhas roupas e da minha bunda pelada. Ivy, minha namorada há dezenove dias, ergue a taça na minha direção e dá um sorriso tímido e uma piscadinha.

Ivy e eu trabalhamos com produção de vídeos (de anúncios publicitários, no meu caso, e de tudo o que você consiga imaginar, no dela). Ou seja, em essência, somos freelances. Durante nossos quatro primeiros dias juntos, não saímos do apartamento dela. Ninguém disse nada, mas a sensação foi de que havíamos chegado a um acordo psíquico e só nos aventuráramos na rua quando fosse inevitável. Porque ela e eu entendemos (e entendemos que o outro também entendeu) que, depois que a bolha estoura, não há como voltar à estúpida e íntima cumplicidade dos Primeiros Dias. Quando a comida ficou escassa, passamos a beber café puro, depois tiramos o mofo dos últimos pães e comemos torradas esburacadas. Jantamos ovos e biscoitos, sanduíches de berinjela com maionese e macarrão com molho de canja de galinha. Ivy lia enquanto eu assistia a séries dos americanos de detetives em sua horrorosa tv portátil; jogamos Banco Imobiliário, palavras cruzadas e baralho; tomamos porre de vinho, depois de vodca e por fim de uma bebida de procedência desconhecida e já meio cristalizada na

garrafa. Evitamos qualquer ação mais prática do que pedir pizza, pois sabíamos por instinto que os entregadores só se encaixariam no nosso roteiro romântico se tivessem lambretas, e não caminhões de entrega de supermercado. A vida real bateu à porta quando Ivy foi chamada para trabalhar em um vídeo promocional na sexta-feira, o dia todo. A caminho da filmagem ela me deixou, junto com uma bolsa cheia de roupas dela, no meu apartamento, e nosso beijo de despedida teve o fervor geralmente reservado para aeroportos. O trabalho tomou a maior parte da semana seguinte, mas passamos todas as noites juntos, às vezes em algum restaurante, às vezes na cama. No nosso segundo sábado, colocamos nossas coisas no meu carro velho e pequeno e partimos sem programação ou destino específicos, passando noites em New Forest, Cotswolds, Yorkshire Dales e Peak District. Caminhamos, comemos, dirigimos, bebemos e perdemos o café da manhã todos os dias. Ontem eu me dei conta de que nos encontrávamos a menos de duas horas de carro da casa do meu pai, e, como estava de ótimo humor, resolvi visitá-lo. Ivy e eu provavelmente dirigimos mais de oitocentos quilômetros na última semana (cantando junto com o rádio, Ivy me dando M&Ms do banco do carona; eu dando a ela Skittles, quando trocamos de lugar), mas hoje havia algo de diferente no ar. Eu consigo até identificar o momento em que o clima mudou.

Nós paramos num vilarejo para lanchar e dar uma olhada nas lojas; Ivy entrou numa farmácia para comprar “pasta de dente e outras coisas”, enquanto eu dei uma passada no mercadinho local. Nós nos encontramos de volta no carro, Ivy com uma sacola cheia de coisas de banheiro, eu com uma sacola cheia de ingredientes de cozinha e garrafas retinindo. E a partir de então alguma coisa ficou... esquisita. Nada extremamente óbvio, mas sem dúvida Ivy ficou mais na dela. Cantou com menos gosto, não brincou durante o trajeto, parou de apertar meu joelho com aquele afeto distraído pelo qual eu começava a ansiar. Talvez estivesse apreensiva por conhecer minha família. E, testemunhando a inquisição em curso, quem pode culpá-la?

Meu pai quer saber onde moram os pais de Ivy, como se chamam, se vão à igreja; Hector pergunta se maquiadores ganham muito, se ela tem contador, se tem site, se já conheceu a Madonna; as gêmeas querem saber se ela tem irmãs, irmãos, bichinhos de estimação, se prefere gato ou cachorro, se prefere ser se-reia, fada ou princesa; Maria quer saber onde Ivy comprou aquelas abotoaduras, onde corta o cabelo, se sempre o usou comprido, o que viu em mim.

— Vê se faz alguma coisa de útil — diz Maria, balançando uma taça vazia para mim.

Eu jogo a cabeça para trás e suspiro.

— Eu acabei de me sentar.



— Você está sentado faz três horas — retruca meu pai. — Anda, vai esticar as pernas.

Eu faço uma cena para me levantar e sair da sala, bufando e resmungando baixinho. Não que eu esteja de má vontade para encher as taças ou dar à minha família uma audiência com a minha namorada, mas a verdade é que eu conheço pouco da mulher por quem estou completamente apaixonado e me sinto tão ávido por respostas quanto o restante da minha família. Eu sei que ela ronca quando bebe demais, prefere cidra a cerveja, e que sua torta favorita é a de frango com alho-poró; sei que seu cabelo tem cheiro de coco e que pela manhã seu bafo é de matar; sei que ela caiu e atravessou uma mesinha de vidro quando tinha oito anos e que é louca por doces. Mas tem tanta coisa que eu não sei... seu Beatle preferido; o nome de seu primeiro bicho de estimação, namorado ou disco; caramba, eu nem sei seu nome do meio. E, por algum motivo, fiquei especialmente interessado em saber se ela prefere fadas ou sereias.

Quando volto com uma garrafa de vinho, vejo todo mundo atento (inclusive meu pai e Hector) escutando Ivy descrever a melhor forma de apontar um lápis de olho.

— Quando vamos comer? — pergunta Maria.

— Estou morrendo de fome — comenta Hector.

— O que tem para comer? — perguntam as gêmeas.

Todo mundo se vira para mim, e de novo eu me arrasto para fora da sala, resmungando frases sobre escravidão, atrevimento e ingratidão.

Quando meu pai entra na cozinha, eu já cortei quatro peitos de frango, três cebolas, duas pimentas-malagueta, seis pimentões vermelhos, meia cabeça de alho e comi pelo menos um terço de uma linguiça defumada.

— Precisa de ajuda?

— Já estou quase acabando.

— Então — diz ele, da soleira da porta, perto da geladeira —, por essa eu não esperava.

— Eu que o diga.

— Toma aqui — diz, colocando uma taça de vinho ao lado da tábua de corte.

— Saúde. — Eu dou um gole e aponto para a sala com a cabeça. — E aí?

— Você podia ter se dado muito pior — comenta, sorrindo.

— Ah, mas eu já passei por isso. Meu Deus, e como.

Meu pai revira os olhos, exagerando no teatrinho de sofrimento resignado. Ele é professor de educação religiosa na escola em que estudei há quase vinte anos e vai à missa entre duas e cinco vezes por semana. Pior, só o padre.

— Desculpe.

— Se fizer isso de novo vou rezar por você.

Estamos todos nos acotovelando ao redor da mesinha de jantar, mas, re-passando as velhas histórias e matando várias garrafas de vinho, a sensação de aperto é acolhedora e intimista. Fiquei longe de Ivy, que agora está entre meu pai e minha irmã. E, embora eu preferisse tê-la a meu lado, e não de frente para mim, isso me dá a oportunidade de olhar enquanto ela diverte e satisfaz minha família — ao rir das piadas, ouvir as histórias e entrar com tudo no jogo “Vamos sacanear o William”. Minha família não sabe o que fazer com tanto afeto. Todos disputam a atenção de Ivy e tentam superar as piadinhas, gabações e revelações dos outros. Eu estico a perna debaixo da mesa e a esfrego no que presumo ser o tornozelo de Ivy. Maria se contrai e dá uma joelhada debaixo da mesa, fazendo os talheres pularem.

— Mas que brincadeira é essa?!

— Deu câimbra — digo, e Maria olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— O que você está aprontando aí? — pergunta Ivy.

— Nada. Só quis me esticar.

Ivy estreita os olhos.

— Você estava... — ela vira para Maria — ... ele estava... *brincando com o pé?*

Olho como que por instinto na direção do meu pai, mas ele parece fascinado pela padronagem de seu prato.

— Como é a brincadeira do pé? — pergunta Imogen, a mais velha das gêmeas por questão de vinte minutos e sempre a mais curiosa das duas.

— Não é da sua conta — responde Maria.

— Uma coisa que meninos levados fazem — responde Ivy, fazendo as gêmeas gargalharem.

— Eu só queria me esticar!

— Você está esticando é o limite da sua credibilidade — brinca Ivy, e Hector bate palmas para a demonstração de humor sagaz com cara de Oscar Wilde.

Controlo os pés pelo resto do almoço. E fico a uma garfada de chegar ao cafezinho sem mais nenhum incidente.

Estamos comendo a sobremesa (durante um raro momento, a sala está em silêncio, enquanto todos saboreiam o cheesecake), quando meu pai solta:

— Aliás, William, eu vou ficar no seu quarto hoje à noite, e você e Ivy podem usar a minha cama.

Provavelmente se passaram menos do que os cinco mil anos que eu imaginei, mas certamente há uma longa e constrangedora pausa quando as palavras do meu pai pairam sobre a mesa — em especial a palavra “usar”. Ainda com o garfo entre os lábios, Ivy olha para o meu pai, sorri e murmura um “Obrigada”. Ou talvez seja “Caramba”.